



SECÇÃO DE SANTA COMBA DÃO

Senhor Presidente da Câmara Municipal;

Senhores vereadores;

Ilustres homenageados;

Um cumprimento especial ao Sr. Lauro Gonçalves, o primeiro presidente de câmara e ao Doutor António Maria Matos;

Aos familiares dos autarcas falecidos e cuja memória também honramos com este acto singelo;

Santacombadenses.

Queria em primeiro lugar, agradecer a vossa presença que tem um profundo sentido democrático.

Queria em segundo lugar, lembrar que esta recomendação foi apresentada pelos vereadores do PPD/PSD, porque reconhecem o valor e o trabalho desenvolvidos por estes autarcas.

Queria em terceiro lugar, lembrar que este acto – simbólico, é necessário, não é um exercício de futilidade e de vanglória pessoal ou colectiva dos actuais autarcas e deve ser lembrado aos actuais e principalmente aos vindouros.

Quem não respeita o passado, não pode projectar e projectar-se no futuro, e isto, tanto serve para os autarcas, como para as restantes pessoas que vivem neste território.

Santa Comba Dão vive um momento difícil.

No passado, estes homens que foram a nossa primeira câmara, também os viveram.

Não viraram a cara, não se lamentaram, buscaram forças nas fraquezas, fizeram-se fortes quando estavam fracos, vacilaram, mas não desistiram, caíram, mas levantaram-se, se calhar até choraram e nós não vimos. Só por isso – e não foi pouco – teriam de ser hoje aqui lembrados.

Santa Comba Dão, a nossa terra...

Este “reino maravilhoso”, como diria Torga, um nunca acabar de água, este vasto planalto rodeado de montanhas, onde se abrem os sulcos do Dão, do Criz e do Mondego e de outros tributários, de que ressalta a Ribeira das Hortas, é feito de gente de fibra, de matiz seca, nariz aguçado, inteligência arguta, gente que dominou a Terra Chã, mas não dominou a Agueira, esse vale de uma massa de água descomunal que com o seu nevoeiro, venceu na “Memória”, a nossa memória, a força bruta dos santacombadenses que em 1810 fizeram frente a Massena.



SECÇÃO DE SANTA COMBA DÃO

Mas a ponte cá está, lá está, forte, cansada, mas bela. Ela própria identidade, brasão e desígnio, sangue do nosso sangue, é um sinal e um desafio para todos nós.

Uma ponte é um caminho para o futuro. Fazer pontes é juntar as margens, as pessoas, a vida e os projectos.

Em 1976 o primeiro presidente da câmara, que nos dá hoje, a honra da sua presença, soube fazer isso e ainda o faz na actualidade. Em 1976 esteve sempre em causa Santa Comba Dão e por Santa Comba Dão se lutou. Lutou como se pôde, com o que se tinha ou não tinha.

Este discurso pode parecer saudosista. Acreditem que não!

Estou aqui e agora, como o saudoso Afonso Praça, *“todas as vezes que me distancio, ao olhar, atento ao mundo novo que a distância me deu, olho também atento para dentro de mim próprio, a remirar-me no espelho fiel da minha presença”* e da presença dos outros que hoje estão aqui perante nós.

Obrigado por terem acreditado que Santa Comba Dão tinha e tem futuro!

Senhor Presidente;

O exemplo destes autarcas constituiu à data um desafio. No seu mandato estava-se na comumente designada Fase da Infraestruturação. Uma fase ingrata, diríamos nós os políticos de hoje, pois deixar obra enterrada e não visível não dará lá muitos votos. Eu gosto mais de designá-la de Fase de Conforto, no sentido de que a abertura de vias, ruas e avenidas, as instalações de redes de água e esgotos, de electricidade e de recolha de resíduos sólidos urbanos e a sua generalização pelo nosso território, deram um ar mais urbano e civilizado à nossa terra.

Agora como no passado, as dificuldades permanecem. Somos um concelho pobre. Não temos minérios, não temos indústria pesada, não temos um comércio pujante e temos menos gente – afinal, o nosso melhor activo. Estamos encalhados, qual “Nau Catrineta” entre duas capitais de distrito, elas próprias com “periferias urbanas”, “presas da desordem”, como diria o grande Le Corbusier e com propensões centralizadoras, que por vezes até nos tratam com soberba e jactância.

Qual o rumo?

- Organizar o território;
- Respeitar o património natural e arquitectónico, a paisagem, as (os) ribeiras (os), a singularidade do nosso casario, os pelourinhos, as casas solarengas, as capelas e igrejas;
- Proceder a uma corajosa revisão dos instrumentos de gestão do território (PDM / Planos de Pormenor / Planos de Ordenamento);



SECÇÃO DE SANTA COMBA DÃO

- Definir um Plano Estratégico que deverá ser seguido qual “cartilha escolar”, por todos os partidos do “arco da governação”, independentemente dos ciclos políticos;
- Identificar e promover os nossos recursos endógenos, tornando-os produtos atractivos e certificados;
- Criar riqueza através da fixação de indústria, aposta numa plataforma logística e no emprego qualificado e na oferta turística sazonal, assente nos valores da excelência ambiental;

Mais poderia ser dito sobre isto, aliás tudo tem sido dito, tem-se feito alguma coisa, mas ainda há muito por fazer.

Para se fazer mais e melhor, é necessário garantir a sustentabilidade das finanças municipais. Mas não só! É necessário um novo quadro legislativo de atribuição de competências com o correspondente reforço dos orçamentos municipais. O estado central tem de nos proporcionar uma nova Lei das Finanças Locais, que garanta melhores condições de equidade entre os municípios, que não crie nos concelhos do interior, um novo interior - a duas velocidades – os que têm receita e os que não têm, os que têm dívida e os que não têm. Depois há os que têm centrais e outros não, uns que têm eólicas e outros não, uns que têm ondas e outros não, uns que têm auto-estradas e outros não e por aí fora, deixando concelhos como o nosso, presos às margens do desenvolvimento.

Quando afinal somos nós, o interior, que mais realiza a captura de carbono, um dos temas estruturantes da Agenda Comunitária do Ambiente porque é que não somos compensados por esse trabalho? As taxas aeroportuárias são para os concelhos onde se localizam as infraestruturas e não são distribuídas por todos. Porquê?

São por causa destes e de outros temas fracturantes, que temos de ir beber a 1976 e refundar nas dificuldades desses Homens e Mulheres, um novo ciclo no poder autárquico. As comunidades intermunicipais começaram por ser uma solução, uma resposta, porém estão a ficar ultrapassadas. Existem sinais preocupantes, principalmente de falta de coesão, solidariedade e inércia nas decisões, que levados pelos constrangimentos de ordem orçamental de alguns municípios, provocam desigualdades insuportáveis no acesso aos fundos estruturais e logo na concretização de equipamentos sociais e culturais promotores do desenvolvimento e da coesão territorial. Não podemos aceitar isto.

Em 12 de Dezembro de 1976, aconteceram no nosso país e na nossa terra as primeiras eleições autárquicas, da qual emergiu a primeira câmara democraticamente eleita pelos santacombadenses.

Fez portanto, no dia de ontem, 40 anos da eleição dos nossos primeiros autarcas através do voto livremente expresso pelo povo do nosso concelho.



SECÇÃO DE SANTA COMBA DÃO

Quarenta anos passados, foi nosso entendimento homenagear simbolicamente estes conterrâneos, que nos alvares da democracia, tomaram nas suas mãos o destino do nosso concelho e com as suas virtudes, mas também com os seus defeitos – porque são humanos – tornaram o sonho possível e as suas realizações em devir.

Como diria Francisco Sá Carneiro, estes autarcas não temeram os riscos, nem recearam a esperança. “A força forja-se na luta, a força no combate pelos princípios, a coragem no enfrentar da crise”. “A pessoa é a medida e o fim de toda a actividade humana. E a política tem de estar ao serviço da sua inteira realização. Essa é a nova regra, o novo início, a nova meta”.

Disse.

Bem-Hajam!

Obrigado a todos vós

Viva Santa Comba Dão!

Santa Comba Dão, 13 de Dezembro de 2016

O Vereador do PPD/PSD;

(João Onofre)